



RESENHA - Stock, G. (2022). *O Estoicismo*. Tradução e introdução: Edson Bini. Edipro.

Afonso Junior Ferreira de Lima

UnB

O livro (assinado *ST. George Stock, M.A. Pemb Coll. Oxford.*), recolhe um texto que busca em fontes antigas suas citações, mas que chega a conclusões como essa: “Se você despir o estoicismo de seus paradoxos e de seu uso abusivo proposital da linguagem, tudo o que restará é a filosofia moral de Sócrates, Platão e Aristóteles, com uma pitada da física de Heráclito” (Prefácio). Se pensarmos que o fundador da escola é Zenão, nascido em torno de 336 a.C. e tomando por autor estoico mais tardio Marco Aurélio, falecido em 180, sem contar as influências posteriores na Idade Média e Renascimento, parece muito pouco.

O interesse em resenhar o trabalho é devido a que aparece como uma das opções mais acessíveis a quem busca em livrarias uma introdução à escola (assim como em inúmeras versões em inglês na internet). Nosso autor, na conclusão do ensaio, afirmará que o Sócrates da *Apologia* pode resumir os pilares básicos do estoicismo: a virtude é o único bem, já que não há mal exceto o vício, e é completo o governo do mundo pela Providência (p. 97). Logo depois afirma que os estoicos tomaram as palavras de Sócrates “ignorando tudo que Aristóteles havia feito...” (p. 98), o que pode ser uma boa chave de leitura para esse texto. Muito mais documento histórico sobre a visão anglo-saxã do protestantismo aristotélico no século XIX e aurora do século XX (a publicação em inglês é de 1908) do que síntese atualizada da complexidade estoica, nos oferece importante base para reflexão sobre a revisão contínua do trabalho acadêmico e

mesmo sobre o mercado editorial, que busca cortar custos e atender demandas. Com a ambição de abarcar “Lógica, Ética e Física” do movimento (em 106 páginas), acaba por apresentá-lo praticamente como o irmão mais novo do cristianismo, quase reduzindo Crisipo à motivo de galhofa.

Quando se busca quem seria o autor – apresentado na capa como “ilustre Professor de Oxford” – se acha (em referência ao túmulo de sua esposa) apenas: “*St George William J. Stock, who had studied at Pembroke College, Oxford, obtaining his MA in 1875... By 1911 St George Stock was the Lecturer in Greek at the University of Birmingham*”¹. Nem mesmo um currículo acadêmico expressivo se pode obter. Para uma pessoa formada no século XIX (parece ter nascido em 1850), pode-se perdoar a sistemática subestimação da escola – sua suposta “intensidade estreita” – cuja ética é até mesmo comparada com a dos escoceses, o que significaria rigidez imperdoável (o que não deixa de ser semelhante à técnica colonial tradicional de rebaixar os “inimigos”). É uma advertência sobre como ler os textos antigos e como a rivalidade grosseira entre escolas pode cair numa competição inútil que se espera superada pela pesquisa contemporânea. Também nos faz pensar por que essa escola, que viu a todos os cidadãos como parte da “cidade universal” (permeados pela alma única que não justificaria a defesa da aristocracia como em Platão), não agradava os acadêmicos no século do darwinismo, eugenia e imperialismo, século marcado por todos os preconceitos que desejaríamos ter superado.

Um dos grandes problemas com o texto, dividido assim de forma generalizante em grandes tópicos, é ignorar a particularidade de cada período e filósofo, ainda que se possa ver como virtude o fato de buscar “as autoridades originais” como é dito no Prefácio. Assim, nós temos no mesmo parágrafo a nota indicando uma citação de *De Incor. Mund.*, que se supõe tratar-se de *Sobre a eternidade (ou incorruptibilidade) do mundo* de Fílon de Alexandria (nunca se encontra uma tabela que esclareça os *Fin.* ou *Diss.*), para nos explicar as partes da alma “segundo a estimativa dos estoicos” seguida de uma citação de Sêneca para nos dizer que “as paixões eram o intelecto em estado doentio” (p. 55). No caso específico dessa escola, cada recepção mostra-se diversa e seria preciso ao menos avisar o leitor situando os personagens. Em se tratando das paixões, às quais o Pórtico dedicou inúmeras reflexões, prefere-se opor o estoicismo ao

¹ Disponível em: https://www.stsepulchres.org.uk/burials/stock_letitia.html. Acesso: 15/07/2024

aristotelismo, que defenderia “o valor das paixões”, enquanto para aquele isso seria “defesa da doença” (p. 99). Mas que esperar se logo na introdução se diz que “Aristóteles morrera em 322, e com ele foi encerrada a grande era construtiva do pensamento grego... As escolas posteriores (a Platão) pouco acrescentaram ao corpo da filosofia” (p. 27). Essas mostras de preconceito tradicionalista também lançam luz sobre como a pesquisa avançou sobre todas aquelas áreas antes tidas como marginais – da Antiguidade Tardia à filosofia romana.

Ajuda na tarefa de compreender a posição do autor suas constantes referências à Bíblia. Logo no começo do texto ele responde à pergunta de Cícero sobre a que devemos recorrer para o exercício da virtude e afirma que “a mente moderna” diria “à religião” (p. 25). Essa postura leva a muitos enganos: tanto à condenação do movimento por ver “o ser circunscrito ao corpo” (p. 49) como à afirmação de que a ética estoica é “baseada no amor a si próprio”, uma leitura rudimentar do conceito de apropriação (*oikeiosis*). Os evolucionistas são comparados aos estoicos pois também “não acreditam na origem da mente fora da matéria” (p. 58). Assim estes “insistiram em fazer agora aquela separação entre as ovelhas e cabras que Cristo adiou para o Dia do Juízo Final” (p. 74). Provavelmente o “ST” antes do nome do autor refere-se a uma invocação à proteção do santo homônimo.

Quando se trata da lógica estoica, que buscou mais a relação do estado real das coisas do que o ser universal aristotélico (não “*Todo A é B*”, mas “*Se A, então B*”) Stock acha que os estoicos “se regozijavam nas formas puras do raciocínio” absorvendo as “falácias correntes entre os gregos do seu tempo” (p. 53). Assim, Crisipo teria proposto “sofismas” como seus seis livros sobre o Paradoxo do Mentiroso (se você declara que está dizendo uma mentira, você está mentindo ou dizendo a verdade?). Na realidade, a lógica fenomênica estoica é muito admirada e, como comentado pelo autor, os estoicos “tomaram o lugar de Aristóteles” (p. 37). Não por nada Gilles Deleuze recorre à crítica estoica à lógica platônica-aristotélica na sua chamada Filosofia do acontecimento. Aqui aparece também o problema da tradução – o *lékton* (o dizível), algo como o sentido, que é o objeto da lógica, que exprime tudo que se pode exprimir – aparece como “o dicto” ou “uma enunciação a respeito de um corpo” (p. 50), mas nem sua forma original em grego é apresentada, nem merece mais que um parágrafo. Nesse caso, fica claro que o leitor precisaria de uma tradução mais especializada, em que a natureza do termo grego pudesse apresentar sua complexidade original. Trata-se, sempre, de um panorama

teórico e cada palavra guarda essa história particular. O mesmo com “espírito” (*pneuma*), mistura onipresente de ar e fogo, assim apresentado: “O éter em movimento podia ser chamado de espírito tanto quanto o ar em movimento... Crisipo definia ‘a coisa que é’ como sendo um espírito se movendo para dentro e para fora de si mesmo” (p. 84). Que se dirá do termo *phantasia* (representação) traduzido como fantasia; apesar de se mostrar sua evolução histórica de Zenão à Crisipo, a escolha não é debatida, ficando repetidamente o termo reduzido à “impressão”.

Sendo a ética uma área em que o estoicismo foi grandemente valorizado, era de se esperar que, pelo menos aqui, merecesse crédito. É dito que o “intelecto livre” é a parte que “recebe as fantasias” e “aquela (parte) na qual são gerados os impulsos” (p. 55). Indaga-se qual a relação do “impulso” com a razão. Assim parece que “ela própria, (a razão, é) a forma aprimorada do impulso” (p. 58). Se é correto afirmar que Crisipo via as paixões como sendo “devidas à opinião falsa” ou juízo, em nenhum momento aparece a fundamental contribuição de Possidônio, que ressaltou que a alma possuiria duas potências além da razão: a irascível e a apetitiva (base do estoicismo romano). Essa suposta simplificação é condenada por “identificar a virtude com a razão pura” e a obra do ser humano consistiria em “viver a vida racional” – mais uma vez os filósofos do Pórtico perdem em comparação com os peripatéticos pois haviam “suprimido as nebulosidades da paixão” (p. 73). Isso a despeito de, segundo ele, “em ambas as escolas (epicurismo e estoicismo) o interesse especulativo ter se mostrado insignificante desde o início” (p. 28). Do mesmo modo é visto o sábio, não como ideal que alimentava a busca do seguidor da escola, mas como detentor de “infalibilidade” extra-humana: uma doutrina “monstruosa” (p. 79).

No que tange à Física estoica, a explanação é mais precisa, ainda que não se comece com o *pneuma* universal, mas com dois princípios (ativo e passivo), matéria inqualificada e Deus. Para Zenão, as cores seriam os “primeiros esquematismos da matéria” aqui atribuídos à “misteriosa ação do ar”, as qualidades mesmo da matéria sendo devidas às “rajadas e tensões do ar” (p. 93) - fica incerto o significado de “ar”, quando o correto seria provavelmente *pneuma*.

Na introdução do tradutor (graduado em Filosofia pela USP), se percebe a tentativa de suavizar tão rigorosa crítica. Escreve um curto panorama da filosofia estoica romana, valorizando Epicteto, Marco Aurélio e Sêneca. Na sua conclusão, o

autor usa tom mais favorável, consentindo que “(um) incipiente espírito humanitário parece ter sido desenvolvido de uma forma muito mais acentuada pelos seguidores de Aristóteles; mas a glória de haver iniciado o sentimento humanitário foi conquistada pelos estoicos” (p. 104). Fica evidente a ausência de um texto técnico capaz de situar a narrativa do autor dentro de seu contexto. Pelo menos os estoicos são valorizados por serem “os primeiros a reconhecer plenamente o valor do ser humano” (já que não recorreram à defesa da escravidão como Aristóteles), mas também por proclamarem que “Deus é Pai e que os seres humanos são irmãos” (p. 103). Pelo número de versões na internet pode ter mesmo ajudado em difundir uma visão distorcida da filosofia estoica. Apesar disso tudo, o texto é rico de referências a Cícero, Estobeu, Plutarco, entre outros. Trata-se de uma dissertação erudita, mas apressada; é preciso mesmo que o tradutor corrija o autor, que cita Marco Aurélio como detentor de “áspero estilo confuso”. Perguntamos se a edição deveria ser colocada à disposição do público como introdução ao estoicismo (um século depois) sem estudos que a amparassem. A boa notícia é que existe um interesse no tema, que pode absorver a dinâmica produção sobre as pesquisas do Pórtico.